Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS
Vol. 16 Nº 33, Jul - Dez de 2024
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Entre Pequim, Moscou e Washington? Desafios sauditas diante da possível entrada no BRICS *Plus* (2015-2024)

Between Beijing, Moscow and Washington? Saudi Challenges in the Face of Possible Entry into BRICS Plus (2015-2024)

Charles Pereira Pennaforte[*]
Mateus José da Silva Santos[**]

Resumo: Esse artigo analisa o processo de aproximação entre a Arábia Saudita e os BRICS Plus em meio aos esforços de consolidação de um movimento de diversificação de parcerias externas por parte de Riad. Na intersecção entre premissas teórico-metodológicas da Análise dos Sistemas-Mundo e de diferentes modalidades de estudo da Política Externa, avança-se na elaboração de uma investigação sobre as características domésticas, regionais e sistêmicas que influenciam no processo de reorientação internacional da monarquia saudita. No que se configura como uma espécie de travessia nos processos de transformação na estrutura social, econômica e política do país árabe, argumenta-se que, sem abandonar os objetivos históricos que conformaram a sua política externa, Riad se projeta internacionalmente como um dos principais interlocutores árabes entre as potências globais, ampliando suas condições de intervenção direta nos grandes debates que cercam o presente e o futuro da política mundial.
Palavras-Chave: Arábia Saudita; BRICS; Oriente Médio.

Abstract: This article analyses the process of rapprochement between Saudi Arabia and the BRICS plus countries in the midst of Riyadh's efforts to consolidate a movement to diversify its external partnerships. At the intersection of the theoretical and methodological premises of world-systems analysis and different ways of studying foreign policy, it advances in the elaboration of an investigation of the

[*] Doutor em Relações Internacionais pela Universidad Nacional de La Plata/Argentina (Reconhecimento nº 125721/USP). Professor Adjunto na Universidade Federal de Pelotas (RS). Coordenador do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA). Possui mais de uma dezena de livros publicados e organizados abordando Geopolítica, Globalização, Neoliberalismo e Relações Internacionais.
[**] Doutorando em História pela Universidade Federal de Pelotas. Membro-Pesquisador do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos. Atualmente desenvolve estudos sobre as relações entre Brasil – Egito e Iugoslávia no contexto da Política Externa Independente. Temas de interesse: Política Externa Brasileira; Relações Brasil – África; Relações Brasil – Mundo Árabe e História da África.

domestic, regional and systemic characteristics that influence the process of international reorientation of the Saudi monarchy. It argues that, without abandoning the historical objectives that have shaped its foreign policy, Riyadh is projecting itself internationally as one of the main Arab interlocutors among the global powers, expanding its conditions for direct intervention in the major debates on the present and future of world politics.
Keywords: Saudi Arabia; BRICS; Middle East.

Como um dos principais resultados da XV Cúpula dos BRICS em Johannesburgo (2023), o anúncio de um processo de expansão da iniciativa multilateral a partir da possível incorporação de seis novos atores se transformou em um dos principais marcos da geopolítica e da geoeconomia contemporânea (Pennaforte, 2023). Nessa movimentação, o Oriente Médio recebeu especial atenção por parte dos Estados originais do agrupamento emergente. Egito, Emirados Árabes Unidos (EAU), Irã e Arábia Saudita foram formalmente convidados a se juntar à China, Rússia, África do Sul, Brasil, Índia, além de Etiópia e, até então, a Argentina,[1] materializando o que ficou conhecido como BRICS *Plus*.

Considerando o peso chinês e russo na condução dessa iniciativa diplomática (Daldegan; Carvalho, 2024; Giaccaglia, 2024), a perspectiva de uma presença multifacetada de diferentes atores árabes e não-árabes demonstra um sentido de aprofundamento da presença das duas potências globais na região. Nesse processo, horizontes de projeção autônoma, consolidação de uma ordem multipolar, modernização econômica, promoção de estabilidade regional, além das tentativas de produção de novas alternativas para as complexas relações entre Estado e sociedade adquirem certa importância no cálculo político de diferentes atores, objetivando não apenas maximizar suas respectivas posições na atual conjuntura global, como estabelecer novas condições para o próprio desenvolvimento.

Tais elementos parecem motivar as ações contemporâneas da diplomacia saudita. No que se configura como um complexo processo de reposicionamento regional e global de Riad, uma possível adesão ao BRICS representará uma nova etapa no seu processo de diversificação de parcerias externas. Articulando

[1] Como já antecipado desde o transcorrer das eleições presidenciais argentinas em 2023, o governo Javier Millei descartou qualquer possibilidade de ingresso do país nos BRICS.

diretamente a solidificação de novas diretrizes da política externa do Reino, o ambicioso projeto de preparação do país para um mundo pós-petróleo e a perspectiva de reafirmação da sua condição enquanto uma das principais forças centrípetas no espaço médio-oriental, a trajetória recente da Arábia Saudita se torna sintomática diante dos processos de transformação sistêmica, em especial, a aceleração no ritmo do processo de desagregação da hegemonia global dos EUA (Arrighi, 1996; Wallerstein, 2004).

Reduzindo sua dependência estratégica em relação à Washington ao longo das últimas duas décadas, o governo saudita, liderado por Mohammed Bin Salman (MBS), conduz um movimento decisivo quanto ao futuro do país, com implicações para a correlação de forças em nível doméstico e impactos diversos nas principais arenas de inserção internacional do Reino. Nesse sentido, esse artigo analisa o processo de aproximação entre a Arábia Saudita e o agrupamento emergente, considerando os limites e possibilidades que envolvem o movimento de projeção regional e global do país árabe. Na intersecção entre premissas teórico-metodológicas da Análise dos Sistemas-Mundo (ASM), da História das Relações Internacionais e da Política Externa (HRI e HPE respectivamente) e da Análise da Política Externa (APE),[2] desenvolve-se uma investigação de natureza qualitativa acerca das características domésticas e sistêmicas que influenciam a reorientação internacional dessa importante potência regional.

Na base dessa investigação, buscam-se trabalhar com as seguintes questões: 1 – Quais fatores de ordem doméstica e sistêmica influenciam no processo de reposicionamento regional e global da Arábia Saudita na contemporaneidade? 2 – Qual a natureza do movimento de diversificação das relações externas de Riad? Argumenta-se que, sem abandonar os objetivos históricos que conformaram a sua política externa desde as primeiras décadas de existência do país, Riad se projeta internacionalmente como um dos principais interlocutores árabes entre as potências globais, ampliando suas condições de intervenção direta nos grandes debates que

[2] As bases dessa estrutura teórico-metodológica foram trabalhadas em artigo recentemente publicado sobre a entrada do Egito nos BRICS (Santos; Pennaforte, 2024). Combinando a ASM e o modelo de análise de política externa comparada a partir de Charles Hermann, discutiu-se como a entrada do Cairo no agrupamento emergente a partir de 2024 representou um aprofundamento de tendências de diversificação externa que possuem raízes em diversos fatores, tais como as mudanças ocorridas no plano regional com o crescimento da influência dos atores emergentes, as transformações domésticas operadas a partir dos eventos da Primavera Árabe no Egito e a ascensão de Al-Sisi, bem como o advento de uma conjuntura macroeconômica adversa.

cercam o presente e o futuro da política mundial. Em tal exercício, mobilizam-se documentos governamentais sauditas, revisão da bibliografia especializada, textos jornalísticos, dados do Banco Mundial e outras fontes de natureza quantitativa.

Esse artigo é dividido em quatro partes. Num primeiro instante, estabelecem-se os principais pressupostos teórico-metodológicos que sustentam essa análise, com destaque para a perspectiva de olhar multinível e histórico acerca da política externa e do desenvolvimento das relações internacionais contemporâneas. Em seguida, estabelecem-se considerações acerca da posição saudita na arquitetura política e econômica mundial, considerando o país como historicamente uma potência não-convencional. Num terceiro momento, avançam-se acerca das condicionantes domésticas e sistêmicas que fizeram das últimas duas ou três décadas uma espécie de travessia sociocultural, política e econômica, impactando diretamente nas relações externas e na complexa dinâmica doméstica entre Estado e uma sociedade em transformação. Por fim, analisam-se as tendências de aprofundamento das mudanças na política externa saudita após a morte do Rei Abdullah (2015), considerando fatores como as expectativas pela consolidação de uma reestruturação doméstica sob diferentes aspectos, reflexo do avanço nos projetos de modernização do Reino, a emergência de uma nova liderança e a busca consciente por um protagonismo nas relações regionais e globais.

Caminhos teórico-metodológicos para uma abordagem multinível sobre a Política Externa Saudita

Reunindo tanto tendências amplas envolvendo o comportamento dos Estados e dos atores internacionais quanto às ações consideradas enquanto particulares (Beach, 2012), a política externa constitui uma das dimensões mais importantes de compreensão das dinâmicas que influenciam o desenvolvimento do sistema internacional. Letícia Pinheiro a conceitua da seguinte forma:

> O conjunto de ações e decisões de um determinado ator, geralmente, mas não necessariamente, o Estado, em relação a outros Estados ou atores externos – tais como organizações internacionais, corporações multinacionais ou atores transnacionais – formuladas a partir de oportunidades e demandas de natureza doméstica e/ou internacional. Nesse sentido, tratar-se-ia da conjugação dos interesses e das ideias dos representantes de um Estado sobre sua inserção no sistema internacional tal como ele se apresenta ou em direção à sua reestruturação, balizados por seus recursos de poder (2004, p. 07).

Compreendida como um tipo específico de política pública (Milani; Pinheiro, 2013; Ramanzini Júnior; Farias, 2021), essa conjunção de valores, ideias, estratégias

e ações que dão sentido a atuação dos Estados e outros agentes se estrutura a partir de uma complexa interação entre diferentes agentes, estruturas e níveis de intervenção política que abarcam desde as relações institucionais e sociais em nível doméstico até as características de desenvolvimento do próprio sistema mundial.

Nesse sentido, os processos de formulação e implementação de agendas relacionadas à política externa envolvem, dentre outras coisas, a ativação das redes da política e do poder que, na perspectiva de um Estado enquanto uma forma complexa de organização social (Bobbio, 2007), são compostas por uma heterogeneidade de grupos e indivíduos. Entre decisores, grupos de pressão, agentes implementadores, estruturas governamentais e estatais, além das reverberações de sua constituição e desenvolvimento em setores mais amplos da sociedade, as bases de atuação dos Estados na esfera internacional se tornam suscetíveis aos movimentos mais gerais da luta política e social dentro e fora das unidades políticas, mobilizando, de diferentes formas, atores individuais e coletivos a partir de diferentes interesses, visões de mundo e projetos de país.

A partir de tal enlace 'interméstico' (Figueira, 2011, p. 15), o olhar para o comportamento dos Estados a partir de uma tendência heterogênea acerca da composição das unidades decisórias, suas relações com o conjunto da sociedade e dos fatores que ultrapassam as suas fronteiras influenciou na construção de diferentes perspectivas de estudo da política externa. Enquanto um objeto de estudo de caráter transdisciplinar, a política externa foi alvo de interesse de diferentes campos do conhecimento científico e também de distintas tradições intelectuais. Entre as principais formas, pode-se destacar a História Diplomática, a História das Relações Internacionais e a Análise da Política Externa (APE).

Classificada por Williams da Silva Gonçalves como um "protótipo da História Institucional" entre os séculos XVIII e XIX (2007, p. 16), a História Diplomática se consolidou em meio aos desafios de formação e afirmação dos Estados Nacionais modernos, sobretudo no Ocidente. Com ênfase na chamada oficialidade, tais estudos se ocupavam sobre as mais diferentes modalidades de relação entre as unidades políticas do sistema, demonstrando interesse pelos conflitos, os atos internacionais e as demais atividades emergentes no seio da estrutura do Estado (Bueno, 2012). Assim, desenvolveu-se uma abordagem de caráter fundamentalmente positivista, com raízes na chamada escola metódica, privilegiando o uso de fontes escritas e

voltada, dentre outras coisas, ao aspecto "jurídico-institucional do ato reduzido a termo formal por estados" (Martins, 2012, p. 74). Tal abordagem, segundo Amado Cervo (1994), sofria com diversas inconsistências, tais como a reprodução de discursos e fatores explicativos mobilizados a partir dos próprios agentes envolvidos na produção da política externa ou dos movimentos políticos de caráter nacionalista, a falta de uma leitura integrada dos processos históricos, além da demasiada valorização dos aspectos formais e jurídicos.

Apesar de não ter desaparecido completamente, a História Diplomática perdeu certo protagonismo para a História das Relações Internacionais. Objetivando "reconstituir os contextos políticos, sociais, econômicos e culturais que envolvem e engendram as circunstâncias em que as ações políticas internas e externas" se desenvolveram (Martins, 2012, p. 75), tal modalidade se caracterizou pela valorização da diversidade de fontes, métodos e objetos de estudo a partir de uma perspectiva mais abrangente, isto é, correlacionando os aspectos relativos à política externa a movimentos mais gerais da vida dos Estados e das sociedades (Gonçalves, 2007). Assumindo um caráter relativamente autônomo diante dos processos de renovação histórica e historiográfica no século XX, essa nova perspectiva acerca do estudo das relações internacionais, incluindo o comportamento dos Estados, contou com uma influente ação da chamada Escola Francesa das Relações Internacionais, a partir das contribuições de autores como Pierre Renouvin e Jean-Baptiste Duroselle. Apesar disso, tal processo de renovação não foi derivado de mera importação de conceitos e métodos, culminando tanto com um diálogo entre diferentes tradições de estudo quanto à emergência de um desenvolvimento singular em diferentes partes do mundo (Saraiva, 2008).

Como uma espécie de derivação desse processo, a compreensão de uma História da Política Externa assumiu uma perspectiva interdisciplinar, destacando-se por uma investigação que abarca tanto "um bom diagnóstico prévio da situação do sistema internacional" quanto um exercício de avaliação acerca da "dinâmica social e política doméstica" (Campos, 2018, p.11), ampliando os olhares sobre o processo decisório. Apesar de tal delimitação, essa prática encontrou certa instabilidade tanto

no campo da História quanto no campo das Relações Internacionais, apresentando outras práticas de estudo que não necessariamente se enquadram nesse rótulo.[3]

Nesse sentido, considerando que tais modalidades assumem certa importância na avaliação da atuação de diferentes segmentos como "indivíduos, instituições e empresas privadas, partidos políticos, igrejas, movimentos culturais e de opinião, entre tantos outros atores não tradicionais" (Vizentini, 2004, p. 14), um olhar histórico sobre a Politica Externa Saudita na contemporaneidade passa pela compreensão das particularidades de um ator que conciliou elevados índices de vulnerabilidade externa com diferentes potencialidades de projeção regional e global. Além disso, considerando a avaliação do cenário doméstico como variável estrutural e estruturante no estudo do comportamento dos países, compreender uma experiência sociohistórica que se distancia da narrativa tradicional dos Estados-Nação da Era Contemporânea, bem como as especificidades de um regime monárquico islâmico, atravessado por conflitos de diferentes ordens que paradoxalmente foram acomodados diante da própria dinâmica política, reforça a importância de uma abordagem histórica sobre o tema.

Emergente na segunda metade do século XX, a APE constituiu um novo esforço teórico-metodológico em repensar o comportamento dos Estados a partir da perspectiva de valorização da investigação dos processos decisórios,[4] seus respectivos

[3] No caso da História, as relações internacionais e a política externa também foram pensadas a partir da chamada Nova História Política. Como um dos vetores de retomada do interesse pelos estudos sobre a política, o político e o poder na História (Rémond, 2003), a recuperação de um antigo objeto, a diplomacia, desenvolve-se a partir da atribuição de novos sentidos (Barros, 2004). Nas intimidades entre História e Poder, o estudo do político se desenvolveu a partir do interesse acerca das noções, objetos e processos que atravessam tal dimensão das relações humanas (Falcon, 1997), incorporando novos métodos, fontes e perspectivas. Nesse sentido, Pierre Milza (2003) destacou a existência de uma complexa movimentação construtiva entre internacionalistas e historiadores ao longo do século XX, em que os primeiros compreenderam a política doméstica como uma variável de análise acerca da política externa e os segundos evidenciaram certa preocupação com temas ditos como internacionais. No que Pierre Rosanvallon classificou como um processo de "reconciliação" da História Política com outras modalidades de estudo do passado (2010, p. 48), a valorização da política externa como objeto dos historiadores beneficiou o estudo de diferentes temporalidades, incluindo o contemporâneo, bem como a compreensão de fenômenos importantes da vida dos Estados e das sociedades que, em meio a crescente interdependência e complexidade do sistema internacional, adquiriram novos contornos.

[4] Para Haroldo Ramanzini Júnior e Rogério de Souza Farias, a APE se diferencia da História, dentre outras coisas, a partir do desenvolvimento de certa preocupação com "processos subjacentes, especialmente a relação de variáveis em uma dimensão teórica mais ampla" (2021, p.115), não centralizando sua discussão nos aspectos que conformam uma leitura coerente acerca de um determinado passado. Sem trabalhar especificamente com a dicotomia entre a História e a Análise da Política Externa, autores como Amado Cervo e Clodoaldo Bueno chamam atenção para as especificidades da primeira em relação à produção teórica sobre as relações internacionais. Para Cervo (1994), História e Teoria caminharam de forma distinta a partir de uma divisão disciplinar que fora também acompanhada pelo desenvolvimento de novos métodos e preocupações específicas de cada

agentes e condicionantes que influenciam o comportamento dos sujeitos envolvidos com as etapas de formulação e implementação da política externa, além da avaliação de seus resultados. Enquanto subárea das Relações Internacionais (Gonçalves; Pinheiro, 2020), tal modalidade de estudo se notabilizou por um desenvolvimento heterogêneo, reunindo desde contribuições emergentes em outras disciplinas ou no próprio campo, até a produção de olhares autônomos, que consolidaram a APE a partir de instrumentais teórico-metodológicos sólidos.

Evidenciando como um mesmo evento "pode ser explicado por várias lentes analíticas" (Ramanzini Júnior; Farias, 2021, p. 35), o reconhecimento da Política Externa enquanto um produto tanto das dinâmicas relativas ao sistema internacional quanto do papel dos fatores domésticos implica, dentre outras coisas, na elaboração de olhares multifacetados, identificando diferentes níveis de análise que, ao serem mobilizados em conjunto, assumem um potencial explicativo acerca das dinâmicas que conformam as arenas decisórias, intimamente relacionadas com os rumos da luta política e social dentro e fora das fronteiras nacionais. Assim, abarcando tanto preocupações com os indivíduos e o Estado quanto com a dimensão sistêmica (Gonçalves; Pinheiro, 2020), a APE evidenciou como as relações entre sujeitos individuais e coletivos, as burocracias e as estruturas político-jurídicas, além das características de desenvolvimento das relações internacionais condicionam tanto as tendências amplas de comportamento quanto ações consideradas particulares (Beach, 2012).

Assim, adota-se como modelo de análise a perspectiva comparada, apresentada por Charles Hermann (1990) em *Changing Course: When Governments Choose to Redirect Foreign Policy*. Reconhecendo quatro níveis ou graus de mudança na política externa de um mesmo Estado, o autor classifica como ajuste as alterações de ênfase ou esforços, preservando não apenas os objetivos, como também as estratégias de materialização. Alçando uma dimensão qualitativa, as mudanças de programa constituem o segundo nível. Apesar de marcadas pela manutenção dos objetivos, tais transformações atingem diretamente os métodos e os meios, influenciando na definição de novas estratégias de inserção internacional. Intitulado

um dos exercícios. Já na perspectiva de Bueno (2012), as duas modalidades se diferiam a partir da dimensão de análise e da temporalidade prioritária. Enquanto a História se ocupava supostamente de aspectos parciais dos fenômenos internacionais, valorizando o chamado singular, concreto e o irreversível, a Teoria estabelecia uma visão geral dos fenômenos internacionais, destacando essencialmente questões do presente e estabelecendo tipificações.

como mudanças ou redefinições de objetivos, o terceiro tipo envolve a transformação nos propósitos da ação externa. Por fim, as mudanças ou reorientações internacionais constituem o nível mais elevado de transformação, fundamentado pela "adoção de nova abordagem em relação aos assuntos mundiais" (Gonçalves; Pinheiro, 2020, p. 221).

Como vetores capazes de influenciar em mudanças de diferentes naturezas, Hermann destacou a existência de quatro fontes. Em primeiro lugar, o líder pode favorecer as transformações na política externa ao promover suas visões particulares em diretrizes ou bases para a produção de iniciativas governamentais concretas, tendo como raízes possíveis o carisma, a capacidade de influência ou exploração de estruturas autoritárias de comando. Ainda na investigação acerca dos círculos decisórios, a burocracia pode ser vista como outro agente de mudança. A partir de fatores como o nível de informação e inteligência, tais transformações são operadas a partir da luta por poder e influência nas estruturas governamentais. Além do líder e da burocracia, a reestruturação doméstica constitui uma terceira fonte ao chamar atenção para o papel da correlação de forças políticas e sociais na definição das políticas do Estado. Ultrapassando as fronteiras nacionais, os choques externos residem num nível exógeno de produção de mudanças, abarcando fenômenos que impulsionam inquietações para os tomadores de decisão em nível doméstico, tornando-se a base para alterações de intensidade, estratégia ou objetivo.

Enquanto ferramenta teórico-metodológica, o modelo de Charles Hermann chama atenção para as suas diferentes possibilidades de inserção nos estudos sobre a trajetória de desenvolvimento da política externa de um determinado Estado. Sua ênfase na avaliação acerca das chamadas mudanças autocorretivas, isto é, ocorridas no âmbito de um mesmo governo reforça o caráter relativamente dinâmico que envolve o processo de construção de agendas e diretrizes de ação externa, suscetível a flutuações das mais diferentes ordens. Transposto para outros contextos de transformação mais significativa na política doméstica, envolvendo transições de governo ou regime, tal proposta analítica amplia as condições de compreensão das especificidades que constituem as relações externas de um determinado ator. Outra perspectiva apontada pelo próprio autor é a existência de diferentes níveis de mudança em um mesmo processo político.

No caso saudita, tal abordagem comparada favorece a avaliação das múltiplas raízes em que se assentam o processo de diversificação de relações externas. Se a ascensão de Mohammed Bin Salman e as transformações ocorridas tanto no ambiente regional quanto na própria dinâmica sistêmica chamam atenção para o papel do líder e dos choques externos respectivamente, os desafios de modernização do Estado saudita, ancorados na luta por reformas políticas, sociais e econômicas, bem como pela perspectiva de diversificação das fontes produtivas constituem um processo particular de reestruturação doméstica que, apesar de não totalmente concluído, incide tanto nos rumos da luta político-social quanto na condução da própria política externa.[5]

Na compreensão das dinâmicas sistêmicas, adotam-se as premissas da ASM enquanto estrutura de investigação voltada tanto ao desafio de interpretação da conjuntura global quanto uma alternativa de avaliação do desenvolvimento do capitalismo histórico ao longo de séculos. Vista como uma "abordagem alternativa e contrahegemônica ao *mainstrain* das relações internacionais" (Voigt, 2007, p. 101), a ASM foi forjada no seio da crítica ao modelo de análise até então dominante nas Ciências Sociais, na crítica a chamada Teoria da Modernização e na perspectiva de produção de respostas acerca da natureza do conjunto das transformações ocorridas na geopolítica e na geoeconomia global a partir do fim da década de 1960.[6]

Considerando que "os fatores econômicos, políticos e militares que contribuíram para a hegemonia dos Estados Unidos são os mesmos fatores que produzirão o iminente declínio dos Estados Unidos" (Wallerstein, 2004, p. 21), o fim de uma ordem liderada por Washington a partir do fim dos anos 1960 envolveram diferentes fatores como o fim do monopólio acerca da liquidez mundial, a derrota

[5] Nesse sentido, apesar de concordamos com Bruno Hendler e Felipe Porta (2021) acerca do papel de questões como a redução nos preços internacionais do petróleo, o afastamento dos EUA e a ascensão de MBS como fatores de origem das mudanças contemporâneas na política externa saudita, acreditamos que é preciso avançar numa avaliação mais profunda acerca dos impactos das agendas reformistas na sociedade saudita e seus reflexos para a ação externa do país. Ainda que tais transformações assumam formatos contraditórios e limitados diante das principais características da estrutura política e social do país, estas possuem certo potencial na alteração da correlação de forças entre elites religiosas e civis, bem como do papel ascendente de setores médios forjados após décadas de esforços de modernização.

[6] No que se configurou como um "pluralismo intelectual" no desenvolvimento das Teorias das Relações Internacionais a partir do fim dos anos 1960 (Lage, 2007, p. 103), perspectivas neomarxistas contribuíram num processo de reconfiguração epistemológica e ontológica do campo. Classificado por Fred Halliday (2007) como um esforço ainda genérico, tendo em vista o longo período de interação potencial entre o materialismo histórico e as relações internacionais, estudos como a Teoria Crítica de Robert Cox e a ASM repensaram o desenvolvimento do sistema internacional à luz do reconhecimento de leituras alternativas sobre o capitalismo histórico e suas transformações a partir do Pós-Guerra.

militar na Guerra do Vietnã, a perda de legitimidade da cruzada anticomunista, o acirramento da competição intercapitalista a partir da constituição de novos centros dinâmicos e a contestação aos principais pressupostos culturais, ideológicos e políticos que estruturaram a ordem emergente no Pós-Guerra. De forma não-linear, os sinais de declínio poderiam ser vistos em quatro eventos simbólicos: as Revoluções Mundiais de 1968 e a denúncia da configuração do mundo a partir de Yalta; a Guerra do Vietnã e sua condição enquanto contraponto ao discurso de superioridade dos EUA, além do caráter oneroso ao Tesouro estadunidense; a queda do Muro de Berlim e o fim do cimento ideológico que sustentava a dependência estratégica de outros atores do bloco capitalista em relação à superpotência; os atentados de 11 de Setembro e o lançamento de um novo desafio ao poder (Wallerstein, 2004).

Tal declínio assumiu certa aceleração nas duas últimas décadas. Na raiz de tal tendência residiu o crescente descompasso entre o unilateralismo estadunidense e o ritmo das transformações globais. A crise do multilateralismo, somada a ascensão de grandes atores globais (China e Rússia) e potências emergentes, tornaram-se sintomáticas acerca da crescente incapacidade estadunidense em exercer funções de liderança e governo na atual conjuntura internacional. Além disso, incertezas nas relações entre Estados Nacionais, governos, sociedades e meio ambiente assumem contornos ainda mais profundos com a ascensão de movimentos de direita e extrema-direita, marcados por discursos de oposição às características das democracias liberais e ao fenômeno da globalização.

A partir dessa estrutura teórica, associada com a mobilização de uma metodologia qualitativa, propõe-se um olhar ampliado acerca das principais transformações ocorridas na política externa saudita na contemporaneidade, tendo como um dos principais marcos a aproximação com o chamado mundo emergente e um possível ingresso nos BRICS. Nesse exercício, aponta-se a conjunção de fatores como o processo de reestruturação do subsistema regional ao longo das últimas duas décadas, a emergência de importantes mudanças no processo sucessório do trono saudita, o acirramento das tensões domésticas entre algumas das principais forças sociais e seus reflexos para a o desafio de uma reformulação das relações entre Estado, governo e sociedade impulsionam a produção de um novo quadro de desenvolvimento da política externa do país árabe.

A Política Externa Saudita: marcas de uma potência não-convencional

Conforme F. Gregory Gause III (2014), a Arábia Saudita se comporta internacionalmente como uma espécie de potência não-convencional. Nas características que fundamentam tal condição particular, a existência de um poderio militar inferior em relação aos seus vizinhos,[7] uma estrutura demográfica composta por uma presença expressiva de estrangeiros, além de não constituir quantitativamente a posição de país mais populoso da região, coexistem com outros aspectos como o desempenho econômico destacável, sendo o maior PIB da região e um dos maiores produtores e exportadores de petróleo.[8] Ainda do ponto de vista dos atributos geopolíticos, além de territorialmente o maior país da Península Arábica, seu peso no chamado mundo muçulmano também estabelece outro indicador de projeção internacional. Além de histórica alternativa político-institucional de um Estado islâmico, a soberania acerca das duas cidades mais sagradas do islã amplifica a influência do Reino a partir de uma perspectiva transcontinental.

Tendo como principais objetivos a proteção da própria elite política dominante e a construção do próprio Estado (Gause III, 2014), a política externa saudita esteve profundamente influenciada pelos desafios de afirmação de um país que, do ponto de vista histórico, tomou forma a partir da correlação entre a Família Saud enquanto núcleo político central, o *wahhabismo* como base ideológica e a exploração de petróleo como base material (Korany; Fattah, 2008). Nos estreitos laços entre política interna e política externa, os dois últimos vetores citados se tornaram aspectos centrais em dois processos articulados de garantia da sobrevivência institucional da Arábia Saudita.

Com raízes no reformismo ultrapuritano sunita do século XVIII (Hourani, 2005), o *wahhabismo* cumpriu um papel decisivo na formação do Estado,[9]

---

[7] Segundo levantamento desenvolvido pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, divulgado pelo G1 (Moreira, 2024), a Arábia Saudita tem o quinto maior exército do Oriente Médio em número de homens, composto por aproximadamente 75 mil militares do exército, 13 500 na marinha, 20 mil na aeronáutica e 173 mil compondo outras forças. Esse número é inferior ao Egito, Irã, Turquia e Iraque.

[8] Conforme dados disponibilizados pelo Banco Mundial (2024), o PIB saudita em 2023 esteve estimado em US$ 1,067 trilhões de dólares, correspondendo a aproximadamente 30% de todo o PIB do Mundo Árabe. Após a Arábia Saudita, o segundo maior PIB da região no mesmo ano foi dos Emirados Árabes Unidos com US$ 504 bilhões de dólares. Em terceiro lugar, o PIB egípcio atingiu cerca de US$ 395 bilhões.

[9] Com raízes na escola *Hanbalista*, o *wahhabismo* constituiu um movimento ultratradicionalista sunita que, ao valorizar uma determinada interpretação acerca do islã em seus primórdios, visava restaurar um caráter monoteísta diante da existência de tendências místicas. Seu fundador, Mohammed Ibn'Abd al-Wahhab, foi expulso e perseguido de seu núcleo sociopolítico original,

estabelecendo uma espécie de consenso sociocultural quanto à legitimidade do processo de expansão moderna na Península Arábica e organizando as principais estruturas político-sociais do país. Do ponto de vista da ação externa, a afirmação de uma linha autônoma do pensamento islâmico, identificada territorialmente com uma entidade política em específico, condicionou a atuação externa saudita em diferentes frentes, incluindo desde os esforços de ampliação do diálogo entre atores de maioria muçulmana até a aproximação com movimentos e iniciativas não estatais (Korany; Fattah, 2008). Além disso, considerando a importância dos ulemás na sustentação de uma jurisprudência religiosa, os desafios históricos de inserção externa do país árabe foram também influenciados por um processo de construção identitária que, sem reivindicar uma solidariedade nacional sólida, fundamentava-se, dentre outras coisas, por um processo complexo de reinvenção da própria tradição (Hobsbawm; Ranger, 2008), à luz da manutenção da estrutura de poder que sustentou a criação do Estado, ao mesmo tempo em que novas demandas domésticas e externas condicionavam adaptações doutrinárias.

Descoberto no fim da década de 1930, a partir da ação de companhias estadunidenses com direito de exploração no território saudita, às ricas reservas de petróleo representaram um ponto de virada na trajetória do país. Além de dotar o Estado de recursos materiais capazes de contornar as dificuldades orçamentárias, estabelecendo novas condições de constituição de um contrato social em nível doméstico, o ouro negro se tornou a base para a modernização do país e fator de ampliação do seu papel geopolítico. Ampliando conceitualmente o que Bargat Korany e Moataz A. Fattah classificaram como "riyalpolitik" (2008, p. 347), o petróleo não apenas se transformou em fator de aproximação entre a Arábia Saudita e o Ocidente, como proporcionou condições de projeção externa em diferentes arenas decisórias, elevando gradativamente a capacidade de intervenção saudita nas grandes decisões em nível regional e global. Assim, além de influenciar na condução das políticas de Riad para os seus principais círculos de interesse (Região do Golfo, Restante do Mundo Árabe e mundo muçulmano respectivamente) (Mansour, 1993), tal característica também possibilitou uma inserção para além dos seus contornos regionais.

estabelecendo uma aliança estratégica com Ibn Saud, conformando o Primeiro Estado Saudita (1754 – 1818). Para Madawi Al-Rasheed (2010), o movimento se tornou a base para a elaboração de uma ordem moral e política islâmica na Arábia Saudita contemporânea.

Para F. Gregory Gause III (2014), a política externa saudita se caracterizou também por um processo de gestão de contradições que dizem respeito às interações entre os fatores que solidificaram a construção do país, as mudanças ocorridas nos planos regional e internacional, a crescente interdependência entre Estados e sociedades heterogêneas, bem como a produção de algum nível de equilíbrio entre a manutenção de uma aliança estratégica e informal com os EUA, a afirmação do seu peso na geopolítica do petróleo, a luta contra o estabelecimento de hegemonias regionais e a preservação de seu estatuto privilegiado junto à Península Arábica. Na articulação entre tais elementos, dilemas como a valorização da ideologia *wahhabita* e de certa tendência de desconfiança em relação ao papel dos valores ocidentais se chocavam com a manutenção de uma dependência securitária frente a Washington, bem como a tendência de acompanhamento de suas posições na esfera global. Ainda na relação entre religião e política externa, a busca por uma liderança saudita no mundo muçulmano se confrontava, em certa medida, com a adoção de certo pragmatismo em prol da sobrevivência do próprio regime. Ainda nessa perspectiva, a busca por algum nível de estabilidade doméstica interagia de forma complexa com o horizonte de exercício de algum nível de interlocução nas esferas regional e global. Por fim, a relativa centralidade do petróleo na definição da posição externa do país sofre com um princípio de incerteza com a busca pela redução da dependência da exportação desse combustível fóssil, valorizando uma estratégia de diversificação econômica e certo protagonismo nos debates sobre a transição energética.

O quadro a seguir sistematiza alguns dos principais processos históricos que envolveram a inserção internacional saudita desde a primeira metade do século XX:

Quadro 1: A Política Externa Saudita (1902 – 2001)

Recorte Temporal	Características gerais	Processos/Fatos mais marcantes
1902 – 1932	Contexto de Formação do Terceiro Estado Saudita; Rearranjo de forças domésticas e expansionismo dos Saud; Transição política regional (fim do Império Otomano e crescimento da influência anglo-francesa); Reposicionamentos sauditas diante dessa dinâmica.	Convenção Otomano-Saudita (1914); Tratado Anglo-Saudita (1915); Conflitos com os Hashemitas e conquista do Hejaz (1924-1925); Apoio britânico à consolidação da independência saudita (combate aos ikhwan em nível doméstico e mediação de tratados de fronteira no plano externo); Busca pelo estreitamento de laços com outros atores (Ex: URSS nos anos 1920).
1932 – 1967	Consolidação de uma estrutura diplomática; Descoberta do Petróleo, criação da ARAMCO e constituição de aliança estratégica com os EUA; Aproximação cautelosa no processo de construção de um subsistema regional; Oposição ao nacionalismo árabe e ao discurso autonomista do Terceiro Mundo.	Lançamento das bases da aliança informal com os EUA; Participação saudita na criação da Liga dos Estados Árabes (1945); Aliança do Triângulo (Arábia Saudita; Egito e Síria); Participação discreta na I Guerra Árabe-Israelense (1947-1948); Dependência externa de mão-de-obra e formação educacional; Afastamento em relação ao Egito Nasserista; Apoio estratégico na ampliação da presença estadunidense na região; Formação da OPEP (1960); Envolvimento Saudita na Guerra Civil Iemenita (anos 60)
1967 – 1979	Primeira grande reestruturação da política regional após a derrota de 1967 e a crise do pan-arabismo; Valorização da posição saudita no mundo muçulmano; Ampliação da influência saudita no ambiente regional (certo ativismo); Crise do Petróleo; Sensação de Riqueza e	Conferência de Cartum (1967); Criação da Organização para a Cooperação Islâmica (1969) e outras iniciativas de cooperação com países árabes e muçulmanos; Embargo Petrolífero; Aproximação com o Irã (mediada pelo Ocidente); Aproximação com o Egito de Sadat; Ampliação

	poder; Aumento da capacidade de investimento saudita em cooperação e projeção internacional	da participação do Estado no controle da ARAMCO; Desconfianças em relação ao Baathismo iraquiano e busca pela aceleração do processo de modernização do país.
1979 - 2001	Potencialização da vulnerabilidade securitária e econômica; Nova reestruturação da política regional; Aumento da dependência em relação aos EUA; Certo ativismo regional; Aumento das contradições domésticas e externas; Início de um processo de ampliação das relações externas	Tripla ameaça (Revolução Iraniana, Invasão Soviética ao Afeganistão e cerco a mesquita de Meca); Queda no preço do petróleo e Era de Austeridade; Criação do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG); Apoios aos *mujahidins* no Afeganistão e ao Iraque contra o Irã nos anos 1980; Presença de tropas estadunidenses em solo saudita na Guerra do Golfo (1991); Reconhecimento da China e aumento das relações comerciais; Certo pragmatismo nas relações com o Irã nos anos 1990; Apoio financeiro às forças paramilitares muçulmanas na Bósnia.

Fonte: Do autor, com base em Mansour (1993); Korany; Fatah (2008); Al-Rasheed (2010); Vizentini (2012); Gause III (2014); Demant (2015); Mason (2023)

Num processo relativamente crescente de participação nas relações regionais e globais, a Arábia Saudita se fez valer de sua condição de potência não-convencional, combinando o seu potencial econômico com as características de um quadro particular de vulnerabilidade externa. Assim, em meio às tentativas de produção de algum nível de estabilidade nas suas relações securitárias e ampliar a capacidade de avanço na modernização do país, sem alterações estruturais em nível doméstico, Riad desenvolveu uma política relativamente multifacetada, combinando o desenvolvimento de ações estratégicas no Oriente Médio e no Terceiro Mundo, além da valorização da sua importância geopolítica, especialmente para o Ocidente.

Do ponto de vista do processo decisório, se a Casa Saud concentrou, em grande medida, a capacidade de intervenção nos rumos da política externa, o desenvolvimento da sociedade saudita culminou com a emergência de novos atores que, de forma direta ou indireta, assumiram certa influência no ambiente de

formulação da política externa. Entre tais segmentos, destacaram-se a elite econômica forjada pelo próprio Estado, setores médios beneficiados pelo avanço nos investimentos educacionais e a sauditização da mão-de-obra. Além disso, conflitos na esfera sociopolítica também começaram a reverberar não apenas na condução das relações entre o Estado e a sociedade, como na condução das relações exteriores. Evidência disso pode ser vista nas disputas entre "liberais" e "islamitas" que, sob o diagnóstico da necessidade de reformas com as crises dos anos 1980 e 1990, encaminharam não apenas medidas que estimularam certa semi-institucionalização do Estado (Al-Rasheed, 2010), como reverberaram na própria posição internacional do país.

A abertura do século XXI marcou o início de uma fase de travessia doméstica e externa por parte do país árabe. Como um complexo processo de rearticulação das forças políticas e sociais em nível doméstico, produção de respostas por parte do Estado diante dos desafios emergentes a partir de diferentes dimensões, bem como um esforço consciente de diversificação das relações externas, novos horizontes de projeção internacional e modernização do país foram traçados. É o que se verá a seguir.

Tempos de travessia para o Reino? Novas condicionantes sistêmicas e domésticas em favor de um processo de reorientação internacional

Como outros Estados da região, a Arábia Saudita conviveu com importantes dilemas referentes às características da sua estrutura social, política e econômica. Do ponto de vista demográfico, o crescimento populacional ampliou os desafios estatais em relação à garantia de algum nível de estabilidade doméstica.[10] Em meio aos índices de desemprego, aumento das demandas por qualificação de mão-de-obra e luta contra as desigualdades socioeconômicas, as perspectivas de revitalização do contrato social exigiam a produção de algum dinamismo das estruturas produtivas e dos fatores de produção, bem como a ampliação dos investimentos do Estado no fortalecimento da iniciativa privada e na ampliação de políticas de bem-estar social.

[10] Conforme dados disponíveis no site do Banco Mundial (2024), a taxa de crescimento populacional da Arábia Saudita era de 3,2% em 2010, índice superior a média de todo o mundo árabe (2,4% no mesmo período). Durante quase toda a década passada, o índice saudita manteve próximo aos 2%, caindo entre os anos 2020 e 2021, coincidentemente período auge da pandemia de COVID-19, quando foram registrados respectivamente 0,5% e -0,1%. Nos últimos 2 anos, o crescimento demográfico voltou a acelerar, registrando 1,5% em 2023, índice relativamente inferior ao registrado em toda a região (1,8%).

Em relação às bases político-institucionais, dois grandes desafios permearam o Estado saudita. Em primeiro lugar, a frágil saúde do rei Fahd (1982-2005) e as complexidades do processo de ocupação das estruturas políticas a partir da Casa Saud favoreceram o que Madawi Al-Rasheed (2010) classificou como um Estado fragmentado. Num processo marcado pela emergência de diferentes focos de poder entre os descendentes diretos de Ibn Saud, apesar do relativo protagonismo do então príncipe herdeiro Abdullah, comprometiam, em certa medida, a capacidade de construção de consensos políticos sólidos, promovendo incertezas acerca da operacionalidade institucional. Além disso, o caráter gerontocrático da monarquia se tornava um fator incômodo diante das pressões sociais, especialmente de uma população em vias de crescimento.

No que se configurou como uma continuidade das respostas institucionais aos anseios reformistas emergentes de diferentes partes da sociedade, algumas importantes medidas foram tomadas. O *boom* no preço do petróleo nos anos 2000 favoreceu, em certa medida, o avanço na adoção de medidas econômicas voltadas à liberalização, fortalecimento do setor privado e participação saudita nos mecanismos financeiros globais, como a entrada na Organização Mundial do Comércio (2005). Tal crescimento também contribuiu para o aumento na capacidade de investimento do Estado em políticas sociais e na reversão das tendências austeras, além de favorecer o deslocamento maciço de recursos para as políticas de segurança e defesa do Reino, diversificando a origem dos recursos bélicos.

Já sob o reinado de Abdullah (2005-2015), importantes iniciativas na esfera sociocultural também contribuíram para o que se pode classificar como um processo limitado de reestruturação doméstica. Além das tentativas de enfrentamento do crônico problema do desemprego feminino, o Estado incidiu acerca de questões relativas a outros direitos políticos e sociais das mulheres, como a garantia de voto e a possibilidade de compartilhamento de determinados espaços, incluindo a formação de ambientes educacionais mistos e a nomeação de representantes para o Conselho Consultivo. Acompanhando tais políticas, o Estado avançou as medidas direcionadas à produção semi-institucional, reunindo mudanças adaptativas que (Korany; Fattah, 2008), em maior ou medida, ampliaram a participação de tecnocratas e outros segmentos forjados no seio do processo de modernização capitalista.

Do ponto de vista externo, alguns importantes vetores de ordem regional e global influenciaram na produção de novas perspectivas sobre as relações externas do país árabe. Conforme Paulo Fagundes Vizentini, o fim da Guerra Fria promoveu uma espécie de "vazio estratégico" regional (2012, p. 125), reduzindo a margem de manobra internacional dos principais atores e favorecendo, em certa medida, a projeção dos interesses estadunidenses. Nesse contexto, as tentativas de produção de uma ordem regional exógena envolveram desde a fracassada implementação do chamado Sistema Oriente Médio (Ferabolli, 2013), até a busca pela defesa de agendas como o combate ao terrorismo, ampliadas diante dos atentados de 11 de Setembro de 2001. Com o envolvimento direto de aproximadamente 15 indivíduos de origem saudita, as ações da Al-Qaeda pressionaram diretamente Riad, contribuindo para certa deterioração nas relações com os EUA. Apesar das tentativas institucionais sauditas de, no plano do discurso, desvincular as ações fundamentalistas sunitas das perspectivas ideológicas defendidas pelo *Wahhabismo*, além do envolvimento direto do Estado na produção de agendas contraterrorismo, a imagem do país sofreu certa deterioração no Ocidente (Mason, 2023). Em meio à manutenção de conversações bilaterais entre os dois países, as tentativas estadunidenses em pressionar o Estado acerca da atuação dos segmentos religiosos e relação estabelecida com atores não estatais se mostraram desconfortáveis para o Reino.

Nesse contexto, o aumento da presença de potências emergentes na região contribuiu para uma ampliação do processo de diversificação das relações externas. Como sintomas disso, movimentações na direção do desenvolvimento de interações estratégicas com economias em crescimento, a exemplo de China e Índia. Na esfera regional, a busca por uma política mais assertiva envolvendo, dentre outras coisas, tentativas de mediação da crise palestina, além da retomada de tensões com o Irã após a ascensão de Mahmoud Ahmadinejad (2005-2013).

A emergência da chamada Primavera Árabe se transformaria num grande desafio para a política externa saudita. Como um complexo processo de convulsão política regional, o conjunto de Levantes que marcou a vida dos Estados e das sociedades desde o Magreb até o Golfo proporcionou complexas mudanças na estrutura política doméstica de boa parte dos países, bem como se tornou a base para um novo processo de reformulação das relações entre atores árabes e não-árabes. Conforme Bruno Mendelski de Souza e Emanuel Brandolff Jardim (2015), segurança

e estabilidade doméstica orientariam a atuação saudita diante das crises que assolaram toda a região. Tal política combinaria diferentes estratégias. Em relação à Líbia e a Síria, Riad apostou na queda de dois regimes considerados inimigos, apoiando diretamente a atuação de forças de intervenção no primeiro caso e insurgentes no segundo. Quanto ao Egito, sua política transitou desde as frustradas tentativas de apoio a manutenção do governo Mubarak até ao distanciamento do país após a ascensão da Irmandade Muçulmana. No Iêmen, as posições sauditas transitaram entre a também tentativa de manter o aliado Ali Abdullah Saleh na liderança e o estímulo à ação direta, especialmente no combate aos Houthis. Intervenção armada também foi vista no contexto do Bahrein quando, em nome do CCG, o governo saudita buscou manter o regime liderado pelos sunitas.

Nos cálculos da segurança do Reino, a busca por uma política de contenção ao Irã produziu uma série de conflitos não abertos com Teerã, bem como o acirramento de tensões com o Qatar e o desenvolvimento de uma aliança estratégica com os EAU na condução dos principais assuntos regionais (Mason, 2023). A experiência da Primavera Árabe se tornaria decisiva no tocante ao aprofundamento das mudanças na política externa saudita, aliado a emergência de alterações na política doméstica.

Da ascensão de Mohammed Bin Salman ao projeto de projeção regional e global da Arábia Saudita.

As preocupações em relação ao futuro da monarquia saudita, do ponto de vista de seu processo sucessório, permearam algumas decisões tomadas desde ao menos o reinado de Fahd. A idade avançada da maioria dos sucessores diretos de Ibn Saud e a emergência de disputas internas entre os príncipes exigiram algumas mudanças no sentido de garantir algum nível de segurança em relação ao movimento de escolha do novo monarca. Além da abertura de possibilidade de uma transição geracional, isto é, não seguindo mais a tendência de transferência direta aos filhos do fundador do Estado, a criação do Comitê de Fidelidade visava, em certa medida, aparar possíveis arestas diante dos novos desafios de governança.

Em 2015, após a morte do Rei Abdullah, Salman ascendeu ao trono saudita. Também de idade avançada, os dois anos que se seguiram abriram uma era de relativa disputa sobre a condição de príncipe herdeiro. No que se configurou efetivamente como um embate entre membros da terceira geração da Casa Saud, MBS, filho do então monarca, levou a melhor diante do então indicado à sucessão

Mohammed Bin Nayef, sobrinho do rei. Num crescimento político relativamente meteórico, o novo príncipe herdeiro acumulou algumas funções importantes na estrutura do Estado, como o cargo de Ministro da Defesa, responsável, dentre outras coisas, pela condução dos conflitos no Iêmen. Exercendo influência na condução política do Reino, especialmente com o advento de problemas de saúde do monarca titular, MBS se notabilizou por um processo de consolidação política que envolveu, dentre outras coisas, o lançamento de projetos ambiciosos de modernização econômica e projeção internacional, acenos à continuidade de reformas sociais e culturais, a emergência de discursos anticorrupção e de uma tendência nacionalista moderada que, em maior ou menor medida, impactaram a correlação de forças entre seus aliados e opositores dentro e fora dos principais círculos decisórios, além da busca por uma melhoria da imagem do país no exterior.

No horizonte de transformação estrutural do país para um mundo Pós-Petróleo (Teruel, 2022; Gonçalves, 2023; Mason, 2023), o projeto *Vision 2030* estabeleceu um conjunto de diretrizes voltadas à diversificação da economia, fortalecimento do setor privado, desenvolvimento tecnológico e estabelecimento de novas bases de investimentos sociais no país. Tendo como três principais pilares a centralidade da Arábia Saudita no mundo árabe e islâmico, a perspectiva de crescimento de seu papel na economia global e a valorização da sua condição estratégica entre três continentes (Kingdom Saudi Arabia, 2017). O quadro a seguir sistematiza algumas das principais medidas acenadas pelo documento:

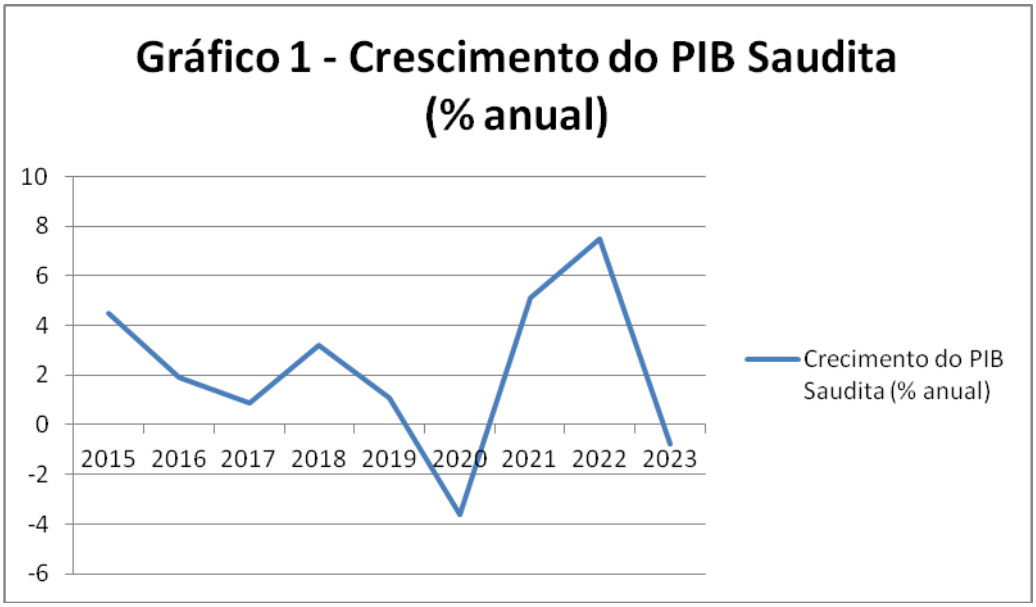
Quadro 2: Projeto Saudita Vision 2030	
Eixos	**Possíveis Ações**
Sociedade Vibrante	• Referencial de um islã moderado • Investimentos na infraestrutura do *umrah* (expansão das mesquitas, transporte, aumento de opções turísticas e culturais), visando atrair mais visitantes e peregrinos. • Valorização da identidade nacional • Aumento do patrimônio cultural e construção do museu islâmico • Investimentos em esporte e lazer • Projetos de sustentabilidade • Investimentos em saúde e habitação • Reformulação das políticas de subsídio
Economia Próspera	• Ampliação dos investimentos em educação e qualificação da mão-de-obra nacional (incluindo parcerias com instituições estrangeiras) • Fortalecimento e expansão das pequenas e médias empresas • Redução do desemprego (inclusive feminino) • Fortalecimento do ensino privado e criação de mecanismos de atração de mão-de-obra técnica e qualificada nacional e estrangeira • Ampliação das universidades sauditas • Privatizações • Fortalecimento do Fundo de Investimento Público (PIF) • Desenvolvimento do mercado financeiro saudita • Participação da ARAMCO e outras empresas no mercado de ações internacionais • Ampliação da participação da indústria, do turismo e tecnologia na economia saudita • Investimentos em Defesa, Mineração e Energia Renovável, numa perspectiva de ampliação do papel do mercado nacional • Aumento do IDE no país • Formação de Zonas Econômicas Especiais
Nação Ambiciosa	• Ampliação dos níveis de modernização e dinamismo do setor público • Busca por uma maior eficiência no tocante aos gastos públicos • Ampliação nos investimentos em tecnologia para os serviços do Estado • Ampliação na cooperação com organismos sem fins lucrativos

Fonte: Do autor, com base em Kingdom Saudi Arabia (2017)

Na perspectiva de um complexo processo de repactuação entre Estado, governo e sociedade, o *Vision 2030* estabelece diretrizes de reinserção da Arábia Saudita como um dos possíveis protagonistas de uma nova ordem internacional, capaz de ampliar as condições de modernização do país e exercer algum nível de incisão diante de importantes agendas globais, tais como transição energética, cidades sustentáveis, internacionalização econômica e novas perspectivas sobre as chamadas cadeias globais de valor. Além da exigência de vultosos recursos, a materialização de tais horizontes de transformação perpassa também pela afirmação de uma aliança política e social relativamente sólida, num país permeado por conflitos históricos de diferentes ordens.

Considerando tais elementos, alguns desafios devem ser considerados nesse processo. Em primeiro lugar, do ponto de vista macroeconômico, a dependência saudita em relação ao mercado internacional de petróleo afeta não apenas as capacidades de investimento do Estado, como também as perspectivas de manutenção de uma estrutura de intervenção social. Diante da persistência da vulnerabilidade externa, em que pese os esforços de diversificação da economia em décadas, a quase que dialética situação envolvendo a obtenção de novas fontes de renda a partir, dentre outras coisas, da exploração de um recurso suscetível às flutuações na esfera financeira e produtiva se torna um dilema para o futuro da modernização do país.

Algumas evidências disso podem ser extraídas a partir de uma análise acerca das oscilações no crescimento do PIB do país, considerando como marco inicial a ascensão do Rei Salman:

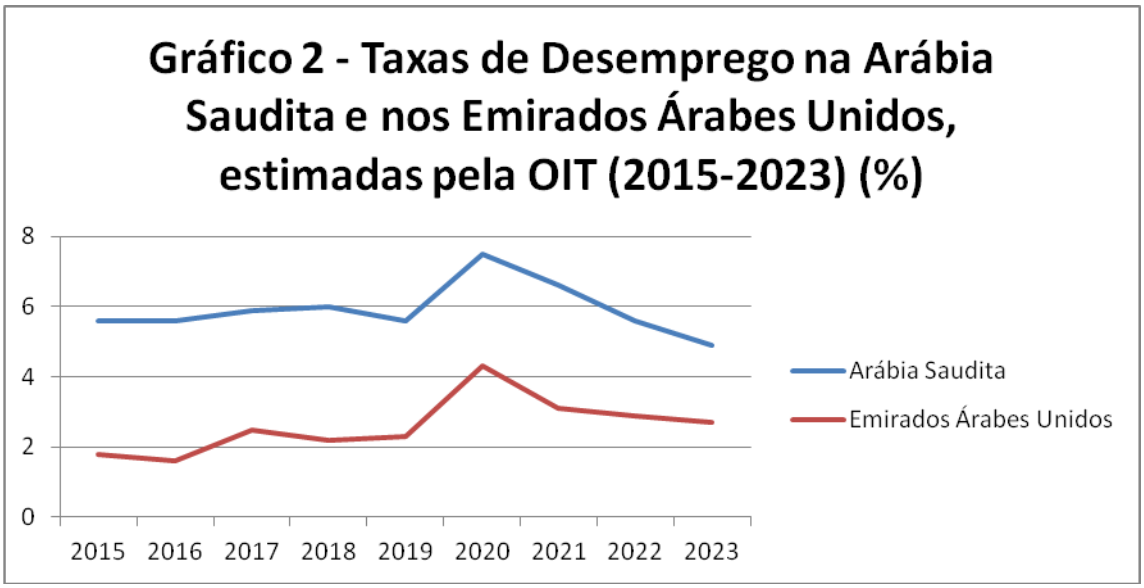


Fonte: Banco Mundial (2024)

Crescendo mais que a economia global em apenas duas oportunidades (2015 e 2022 respectivamente), a Arábia Saudita conviveu com importantes flutuações que influenciam diretamente no ritmo do seu projeto de desenvolvimento e em outras esferas de atuação do Estado. Conforme Jane Kinninmont (2017), apesar de não necessariamente ter culminado com uma onda de instabilidade política, a adoção de medidas de austeridade a partir de 2015, período que coincide com a queda no preço do petróleo e no próprio PIB do país, gerou certo desconforto quanto aos rumos de um país que, do ponto de vista da sua atual elite dirigente, vê no processo de modernização econômica uma etapa necessária. Apesar de revertidos parcialmente a partir de 2017, tais políticas, incluindo corte parcial de salários do setor público e subsídios em produtos básicos, evidenciam as necessidades de atração de investimento estrangeiro, bem como racionalização da própria máquina pública, aspectos pautados pelo projeto, como fatores favoráveis a sobrevivência do horizonte modernizador.

Ainda do ponto de vista socioeconômico, a estrutura do trabalho se mostra um aspecto não desprezível em relação às metas estabelecidas pelo plano e a realidade do país. Com a estimativa de um aumento na oferta de mão-de-obra diante do crescimento populacional, o desemprego continua a ser uma questão sensível no país. Apesar da redução de 7,7% (2020) para 4% (2023) (ver gráfico 2), a inserção da jovem população saudita no mercado de trabalho se torna objeto de reconsideração dos pesos do Estado e do setor privado na geração de novos postos, bem como de

questionamentos quanto à distribuição da mão-de-obra estrangeira no país. Nesse sentido, sem abrir mão da captação de quadros técnicos e outros profissionais no exterior, a perspectiva de qualificação da mão-de-obra saudita atende, em certa medida, ao avanço da ampliação de nacionais na força de trabalho, incluindo no setor privado. Contudo, tal empreendimento exige maciços investimentos em educação, fortalecendo as instituições de ensino do país e a cooperação com o exterior.



Fonte: Banco Mundial (2024)

Duas outras questões que perpassam tal esforço de desenvolvimento dizem respeito à correlação de forças em nível doméstico e as implicações de tal movimento de transformação da sociedade e da economia saudita para suas estruturas políticas. Conforme Ignacio Teruel (2022), MBS estabelece certo sentido de continuidade em relação às reformas socioculturais que, de certo ponto, rompem com determinadas premissas de uma sociedade extremamente enquadrada pelos valores religiosos conservadores. Do ponto de vista dos direitos das mulheres, além da redução do desemprego feminino, destacaram-se também a liberalização da condução de veículos. Ainda no âmbito das relações com os diferentes espectros da sociedade saudita, a promessa de importantes investimentos na área do entretenimento e mesmo no estímulo à educação privada se tornam não apenas uma ponte entre o Estado e os segmentos mais jovens da sociedade, como assumem certo potencial de alterar a correlação de forças entre as elites religiosas e setores ditos liberais.

Reivindicando os valores do islã e a posição saudita no mundo muçulmano, o *Vision 2030* acena positivamente com setores *wahhabitas* mais moderados, bem como de outros setores interessados no avanço de ações voltadas à produção de algum nível de autonomização da sociedade.

Por fim, de acordo com Jane Kinninmont (2017), o último grande desafio do horizonte modernizador diz respeito à produção de importantes mudanças na esfera social e econômica sem alteração na estrutura política. Nesse sentido, MBS também segue a ótica de outras lideranças sauditas que fizeram do signo reformista um sentido de oxigenação das relações entre Estado e sociedade, com promessas de estabilidade social e segurança que não abarcam necessariamente uma revisão radical das estruturas de poder no país. Tal questão se torna ainda mais sintomática se for apreciada a partir de dois fatores. Em primeiro lugar, o perfil etário de MBS, se comparado aos reis anteriores do país, o credencia a liderar o Reino por pelo menos algumas décadas. Tal aspecto se torna essencial diante da possibilidade de uma relativa continuidade institucional acerca da condução de um projeto que recebeu a digital do príncipe herdeiro desde a sua formulação. Por outro lado, dialogando com as hipóteses de Ignacio Teruel (2022), controvérsias envolvendo o processo de solidificação da posição de MBS entre a própria família real, bem como as formas pelas quais o governo lidou com personalidades e outros focos de oposição à sua liderança constituíram e, de certo ponto, ainda constituem questões que atravessam o desempenho do Estado na condução do projeto.

Articulado, em maior ou menor medida, com as expectativas de desenvolvimento econômico e social, o aprofundamento de mudanças na política externa assumiu um caráter estratégico ao longo da última década. No que ficou conhecido como Doutrina Salman, a formulação de uma nova perspectiva de ação externa a partir de um protagonismo saudita nas relações regionais e a ampliação da capacidade de intervenção na política global produzem expectativas acerca dos múltiplos sentidos de projeção internacional do Reino (Minõ; Martínez, 2019; Gonçalves, 2023), incluindo sua inserção em importantes processos decisórios.

Conduzida pelo monarca e pelo príncipe herdeiro, tais diretrizes de inserção internacional se assentam na perspectiva de participação direta da Arábia Saudita no aprofundamento do processo de reestruturação do sistema regional, iniciado com a Primavera Árabe e ainda em curso diante da emergência de novos desafios. Nesse

sentido, consolidando um papel, em certa medida, de força centrípeta, Riad mobiliza considerações históricas acerca da segurança e estabilidade regional em favor de uma estrutura política capaz de favorecer seu projeto de modernização. Tais objetivos possuem também implicações no tocante às relações globais. Em meio à ampliação da presença de atores emergentes e de novas potências de estatura mundial, como China e Rússia, os sauditas se credenciam a ocupar a condição de principal interlocutor árabe diante dos processos de transformação global.

O quadro a seguir sistematiza as principais características da política externa saudita até então:

Quadro 3 - A Política Externa Saudita após a morte de Abdullah (2015-2024)

Agendas/ Temas	Características
Irã	Ruptura de relações em 2016; Aumento na aposta da estratégia de contenção à Teerã; Disputa pela primazia regional; Início de um processo de normalização de relações em 2021; Consolidação dessa movimentação em 2023; Algum nível de desconforto com a crise do Oriente Médio.
Israel	Possibilidade de avanço no processo de normalização das relações entre os dois países (até 2023); Paralisia diante da emergência de novas tensões no Oriente Médio.
Qatar	Principal fratura na atuação do CCG; Conflitos na condução das relações regionais; Ruptura de relações diplomáticas (2014) e estratégia de isolamento/pressão em Doha; Ameaças de um conflito armado (2017); Reaproximação a partir de 2021 (Acordo de Al-Ula).
Síria	Mudança de posição na Guerra Civil Síria; Redução do ativismo saudita diante dos objetivos de derrubada de Assad; Contribuição ao processo de normalização das relações regionais de Damasco.
Iêmen	Considerado estratégico nas perspectivas de segurança regional; elevação dos conflitos contra os Houthis; Intervenção saudita e guerra por procuração com o Irã.
Emirados Árabes Unidos	Preservação da aliança estratégica com Abu Dhabi; Alguns conflitos na condução de agendas como o preço do petróleo, além do sentido de concorrência econômica entre os dois países.
Egito	Apoio financeiro ao regime de Al-Sisi; Acordo acerca das ilhas no Mar Vermelho (Tiran e Sanafir); Perspectivas de Integração estratégica em Infraestrutura e desenvolvimento entre os dois países; Importância da mão-de-obra egípcia para os sauditas; Alguns esforços egípcios por autonomia nas relações internacionais.

EUA e Ocidente	Sintomas de maior aproximação nos tempos de Trump (Retórica Anti-Iraniana; negociações acerca dos Acordos de Abraão); Algum desconforto no governo Biden; Importância dos EUA nos debates sobre segurança e defesa doméstica e regional.
China	Aumento das relações comerciais (mais de US$ 100 bilhões em 2022); Complementaridade dos projetos de desenvolvimento estratégico (*Vision 2030* e *BRI*); Intermediação do restabelecimento de relações diplomáticas entre Riad e Teerã.
Rússia	Aproximação; Diplomacia Energética (OPEP +); Alternativa no comércio bélico; Certa neutralidade saudita no contexto da Guerra da Ucrânia; Quatro pontos complexos (combate ao terrorismo, relações entre Moscou e Irã, política energética e Primavera Árabe).
América Latina	Ampliação do interesse pela região; Perspectiva de avanço nos investimentos; Cooperação estratégica em diferentes campos como mineração e energia; Valorização da Complementaridade econômica; Importância do Brasil.

Fonte: Do autor, com base em Jin (2016); Miño; Martínez (2019); Singh (2022); Gonçalves (2023); Mason (2023); Santos (2023).

Em meio ao cenário de aprofundamento da crise sistêmica e no advento de novas perspectivas acerca do presente e do futuro do Oriente Médio, a busca pela consolidação de um complexo processo de reorientação internacional, a partir das diretrizes da Doutrina Salman e dos novos desafios emergentes no movimento de modernização do país adquiriu uma nova etapa diante do convite para a participação nos BRICS. Conforme diversos autores que analisaram a trajetória mais recente de expansão do agrupamento emergente (Giaccaglia, 2024; Daldegan; Carvalho, 2024), as raízes de tal processo foram lançadas ainda na década passada. Com forte estímulo chinês e apoio russo, o traçado de um BRICS *Plus* correspondia, dentre outras coisas, ao interesse em ampliar os laços entre as economias emergentes, adquirindo não apenas maior representatividade transcontinental, como elevando seu peso na geopolítica e na geoeconomia contemporânea.

Enquanto principal economia entre os membros convidados em 2023, contribuindo com 1,1% do PIB mundial em 2022 (Freire; Martins; Martins, 2024), a confirmação da presença saudita nos BRICS adquire importância estratégica na ampliação da capacidade financeira da iniciativa emergente, tendo em vista o interesse de Riad em ampliar sua participação no quadro dos investimentos globais e, do ponto de vista das instituições emergentes, potencializar as capacidades de atuação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), que já conta com a participação de outro importante ativo como os EAU. Como uma peça quase que indispensável

nos debates acerca de uma nova ordem econômico-financeira, uma relativa convergência de interesses entre a Arábia Saudita e o BRICS se inscreve a partir do interesse em reduzir a influência do dólar. Além disso, seu relativo protagonismo no mercado energético e o interesse em avançar as condições de diversificação de suas fontes reforçaria o peso da iniciativa multilateral nos debates sobre a transição para um mundo Pós-Petróleo.

Na perspectiva de reforço dos projetos institucionais de projeção internacional e modernização do país, a adesão ao BRICS também representaria um importante passo. Considerando as já adesões de Irã, Egito e EAU, a presença de Riad conformaria um panorama geoestratégico importante para o agrupamento emergente, reunindo as duas principais economias regionais, o país árabe mais populoso e a principal força militar do Oriente Médio. Além de consolidar a presença de China e Rússia na Região, tal movimentação contribuiria para a afirmação de uma nova ordem regional, acomodando, em certa medida, alguns dos principais atores. Diante dos objetivos da diplomacia saudita em garantir um ambiente regional estável, reduzindo o nível de conflitualidade, o reforço de sua condição enquanto um dos principais interlocutores do Mundo Árabe do próprio Oriente Médio a partir de sua presença no BRICS *Plus* estabeleceria novas perspectivas quanto à possibilidade de diálogo multilateral com seus aliados estratégicos e com um antigo adversário.

Outro aspecto diz respeito à atração de recursos aos projetos de infraestrutura, desenvolvimento tecnológico e construção de alternativas econômicas. O estreitamento de laços com as economias emergentes favoreceria não apenas a atração de capitais para investimentos nos projetos nacionais, como também a possibilidade de participação direta de empresas públicas e privadas diante das múltiplas demandas sauditas por cooperação em diferentes campos. Projetos ambiciosos como a construção de NEOM no Oeste do país exigem não apenas vastos recursos humanos, como também recursos estratégicos num processo que redefiniria não apenas o espaço econômico regional, como também ampliaria a relevância da zona do Mar Vermelho.

Contudo, o processo de adesão saudita parece estar estagnado. Apesar da tímida participação de representantes do país em algumas atividades do agrupamento e das expectativas quanto ao envolvimento de MBS na iniciativa, alguns aspectos parecem se impor diante desse processo. Em primeiro lugar, mesmo diante

das oscilações registradas nas relações com os EUA e nas tentativas de diversificação de parcerias ao longo das últimas duas décadas, Washington continua a exercer importância nos debates sobre segurança e defesa do Reino. Do ponto de vista das relações comerciais, as exportações sauditas de petróleo bruto para os EUA atingiram cerca de US$ 13,7 bilhões de dólares em 2023, conformando mais de 45% da balança comercial entre os dois países (SAUDI PRESS AGENCY, 2024a). Do ponto de vista das importações do Reino, os setores automobilísticos e aeroviários correspondem aproximadamente 1/3 das vendas estadunidenses ao país.

Diante do aumento das tensões internacionais ao longo dos últimos anos, especialmente com a Guerra da Ucrânia (2022-?) e o Conflito no Oriente Médio (2023-?), a confirmação de sua participação nos BRICS representaria certo revés para as estratégias estadunidenses no Oriente Médio, já abalada diante do deslocamento de outros atores para uma perspectiva mais autonomista de inserção externa. Nesse sentido, a presença saudita no agrupamento emergente representa mais um grande teste geopolítico para o futuro daquele que foi o seu principal eixo securitário ao longo de décadas.

A Guerra em Gaza e a extensão do conflito para novos fronts de batalha no Oriente Médio, incluindo as provocações entre Israel e Irã, também influenciam na posição do Reino. Mesmo diante de um processo de relativa melhora nas relações com Teerã, a perspectiva de consolidação da posição regional de Riad se encontra ameaçada diante do agravamento de tensões que atualmente se encontram, até então, fora de qualquer perspectiva de atuação saudita em favor de um apaziguamento.

Nos nove anos que se seguiram após a morte do Rei Abdullah, a Arábia Saudita aprofundou as tendências de reforma doméstica e diversificação das relações exteriores. Sob o comando, de fato, de MBS, o horizonte de transformação na sua posição internacional assume contornos complexos diante de um ambicioso projeto de desenvolvimento e novas movimentações de natureza regional e global que reforçam as expectativas quanto à consolidação do país como uma força centrípeta no Oriente Médio e um dos principais atores emergentes na esfera internacional.

Considerações Finais

Na consolidação de uma nova etapa na trajetória do BRICS no século XXI, a aprovação de possíveis novos membros a partir de 2024 se transformou em um dos

principais eventos geopolíticos em tempos de aprofundamento da crise sistêmica. Reforçando a presença no Oriente Médio, a perspectiva de acomodação de diferentes atores regionais e globais culmina com uma elevação na participação do agrupamento emergente em uma região estratégica, bem como a expande as condições de incisão em grandes temas acerca do futuro da ordem global.

Ao longo dessas páginas, analisou-se o processo de aproximação da Arábia Saudita com o projeto do BRICS *Plus*. Como um dos Estados formalmente convidados, Riad ocupa certo protagonismo na movimentação que visa à ampliação da iniciativa multilateral, considerando o seu potencial econômico e energético, o seu peso no Oriente Médio e seu interesse em incidir diretamente no enfrentamento aos desafios sobre uma nova ordem política e econômico-financeira.

A partir da intersecção entre a Análise dos Sistemas-Mundo e o modelo de análise comparada de Charles Hermann, no âmbito da subárea Análise da Política Externa, estabeleceu-se uma análise histórica sobre o desenvolvimento do processo de diversificação das relações externas da Arábia Saudita. Intimamente articulado com os objetivos de avanço no processo de modernização do país, consolidação de um novo perfil de liderança a partir da ascensão de MBS e representando um aprofundamento nas perspectivas de afirmação de uma política externa mais assertiva, as tendências de reposicionamento regional e global de Riad comungam com o reconhecimento de um processo mais profundo de reestruturação das diferentes arenas de atuação do país na esfera internacional, bem como das tentativas de corresponder aos novos dilemas que envolvem a sua política doméstica.

Com raízes em diferentes fatores de ordem doméstica e sistêmica, tais como o papel dos choques externos, a atuação do líder e os contornos de um processo de reestruturação doméstica que, se não culmina com uma alteração substantiva nas estruturas políticas, impõe mudanças importantes na esfera pública e na distribuição das forças entre os principais atores que compõem uma sociedade complexa, os ventos de mudança na Arábia Saudita se situam, em certa medida, na mesma direção das transformações ocorridas no plano internacional, especialmente diante do declínio da hegemonia dos EUA. Se a confirmação de uma entrada no BRICS ainda é uma página incerta, certa é mesmo a afirmação consciente do reino sunita em se consolidar como um dos atores mais importantes no redesenho geopolítico

contemporâneo, tendo nas relações com outros atores emergentes um ponto estratégico e decisivo diante desse processo.

Referências bibliográficas

AL-RASHEED, Madawi. **A History of Saudi Arabia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

ARRIGHI, Giovanni. **O século XX**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.

BANCO MUNDIAL. Data, 2024. Disponível em: https://datos.bancomundial.org/pais. Acesso em: 15 out. 2024.

BARROS, José D'Assunção**. O Campo da História:** especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BEACH, Derek. **Analyzing Foreign Policy**. New York; London: Palgrave Macmillan, 2012.

BOBBIO, Noberto. Estado, Poder e Governo. In: _____. **Estado, Governo, Sociedade:** para uma teoria geral da política. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 53 – 133.

BUENO, Clodoaldo. Presença do Historiador nos estudos de Relações Internacionais. In: AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz; ALBRES, Hevelly Menezes. **Relações Internacionais:** pesquisa, práticas e perspectivas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 15 – 27.

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. História e Relações Internacionais: possibilidades de interface e pesquisa. In: MOTTA, Márcia Maria Menendes; MARTINS, Mônica de Souza Nunes. (Org.). **História em Parceria**. 1ed.Seropédica: Edur, 2018, p.100-118.

CERVO, Amado Luiz. Relações Internacionais do Brasil. In: _____. **O desafio internacional:** a política exterior do Brasil de 1930 a nossos dias. Brasília: UnB, 1994, p. 09-58.

DALDEGAN, William; CARVALHO, Carlos Eduardo. BRICS Plus: Perspectivas da Proposta de Expansão. **Intellector**, Rio de Janeiro, nº 41, p. 74 – 85, jan./jun. 2024.

DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2015

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História***:* ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 97 - 138.

FERABOLLI, Silvia. **Relações Internacionais do Mundo Árabe:** os desafios para a realização da utopia pan-arabista. 2.Ed. Curitiba: Juruá, 2013.

FIGUEIRA, Ariane Roder. **Introdução à análise de política externa**. São Paulo: Saraiva, 2011

FREIRE, Laura Lúcia Ramos; MARTINS, Allisson David de Oliveira; MARTINS, José Wilker de Sousa. **O novo BRICS no Comércio Internacional:** Um enfoque no Brasil e no Nordeste. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, n. 02, p. 01-38, abr. 2024

GAUSE III, F. Gregory. The Foreign Policy of Saudi Arabia. In: HINNEBUSCH, Raymond; EHTESHAMI, A. (Ed.). **The Foreign Policies of Middle East States**. Boulder; London: Lynne Rienner Publishers, 2014, p. 185 - 206.

GIACCAGLIA, Clarisa. La ampliación de BRICS en el marco de un orden internacional de alienamientos complejos: un análisis de las motivaciones de sus miembros plenos y de los estados aspirantes al ingreso. **Revista Conjuntura Austral**, Porto Alegre, 15, p.51-68, abr./jun. 2024.

GONÇALVES, Williams da Silva. História das Relações Internacionais. In: Mônica Leite Lessa; _____ (Orgs.). **História das Relações Internacionais:** teoria e processos. Rio de Janeiro: UERJ, 2007, p. 13-41.

GONÇALVES, Fernanda Nanci; PINHEIRO, Letícia. **Análise de Política Externa:** o que estudar e por quê? Curitiba: Intersaberes, 2020

GONÇALVES, Mathilde Silva. A Política Externa da Arábia Saudita, 2015 – 2022: a era do Pós-Petróleo que tarda em chegar. **Relações Internacionais**, n. 80, p. 05-18, dez. 2023.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as Relações Internacionais**. Porto Alegre: UFRGS, 2007

HENDLER, Bruno; PORTA, Felipe. Alterações na Política Externa da Arábia Saudita: uma análise a partir do modelo de Hermann. **Mural Internacional**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 01-22, 2021.

HERMANN, Charles F. **When Governments Choose to Redirect Foreign Policy**. International Studies Quarterly, v.1, n.34, p.03-21, 1990.

HOBSBAWM, Éric J; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008

HOURANI, Albert. **O pensamento árabe na era liberal:** 1798-1939. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

JIN, W. China and Saudi Arabia: A new alliance? **The Diplomat**, 2016. Disponível em https://thediplomat.com/2016/09/china-and-saudi-arabia-a-new-alliance/. Acesso em: 15 out. 2024.

KINGDOM OF SAUDI ARABIA. **Vision 2030**. 2017. Disponível em: https://www.vision2030.gov.sa/media/rc0b5oy1/saudi_vision203.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

KINNINMONT, Jane. **Vision 2030 and Saudi Arabia's Social Contract:** Austerity and Transformation. London: Chatham House, 2017.

KORANY, Bahgat; FATTAH, Moataz A. Irreconciliable Role – Partners? Saudi Foreign Policy between the Ulama and the U.S. In: _____; DESSOUKI, Ali E. Hillal. **The Foreign Policies of Arab States**: The Challenge al globalization. Cairo: The American University in Cairo Press, 2008, p. 343 – 396.

LAGE, Victor Coutinho. Os debates em Relações Internacionais e a emergência do movimento construtivista. In: **Fronteiras**, Belo Horizonte, v.6, n.12, p.101-121, 2007.

MANSOUR, Saleh Al- Safi. **Arábia Saudita***:* política externa e aspectos de suas relações com o Brasil. Brasília: Thesaurus, 1993

MARTINS, Estevão de Rezende. História das Relações Internacionais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 73 – 93.

MASON, Robert. **Saudi Arabia and the United Arab Emirates***:* Foreign policy and strategic alliances in an uncertain world. Manchester: Manchester University Press, 2023.

MILANI, Carlos; PINHEIRO, Letícia. Política Externa Brasileira: os desafios de sua caracterização como política pública. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v.35, n.1, p.11-41, 2013

MILZA, Pierre. Política Interna e Política Externa. In: RÉMOND, René. **Por Uma História Política**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 365 – 399.

MIÑO, Paloma González del; MARTÍNEZ, David Hernández. La Doctrina Salman en la Política Exterior de Arabia Saudí: Objetivos y el uso de la fuerza militar**. Austral:** Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v. 8, n. 16, p. 113-137.

MOREIRA, Matheus. Qual o tamanho dos efetivos militares dos países do Oriente Médio. G1, São Paulo, 06 abr. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/04/06/qual-o-tamanho-dos-efetivos-militares-dos-paises-do-oriente-medio.ghtml. Acesso em: 14 out. 2024.

PENNAFORTE, Charles. As ilusões do Ocidente: não há como parar as transformações geopolíticas em curso. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 13 set. 2023. Disponível em: < https://diplomatique.org.br/as-ilusoes-do-ocidente-nao-ha-como-parar-as-transformacoes-geopoliticas-em-curso/ >. Acesso em: 14 out. 2023.

PINHEIRO, Letícia. **Política Externa Brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

RAMANZINI JÚNIOR, Haroldo; FARIAS, Rogério de Souza. **Análise da Política Externa**. São Paulo: Contexto, 2021.

RÉMOND, René. **Por Uma História Política**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma História do Político**. São Paulo: Alameda, 2010.

SANTOS, Mateus José da Silva; PENNAFORTE, Charles. O Egito de AL-Sisi no BRICS? A expansão da iniciativa multilateral e seus efeitos para a África e o Mundo Árabe. **Mural Internacional**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 01-25, 2024.

SARAIVA, José Flávio Sombra. História das Relações Internacionais: o objeto de estudo e a evolução do conhecimento. In: _____ (Org.). **História das Relações Internacionais Contemporâneas:** da sociedade internacional do século XIX à era da globalização. São Paulo: Saraiva, 2008, p. 23 - 58.

SAUDI PRESS AGENCY. Volume of Saudi Arabia – US Trade Relations Valued at $29.7 billion in 2023. Riyadh, 01 oct. 2024. Disponível em: https://www.spa.gov.sa/en/N2180776. Acesso em: 14 out. 2024.

SINGH, Michael. The Middle East in a Multipolar Era: Why America's Allies are flerting with Russia and China. **Foreign Affairs**. Dec. 7, 2022. Disponível em: https://www.foreignaffairs.com/middle-east/middle-east-multipolar-era. Acesso em: 15 out. 2024.

SOUZA, Bruno Mendelski de; JARDIM, Emamnuel Brandolff. A Política Externa Saudita durante a Primavera Árabe (2010 – 2014). **Revista InterAção**, v. 9, n. 5, p.96-124, jul./dez. 2015.

TERUEL, Ignacio. Mohammed Bin Salman: legitimidad y nuevos desafíos. **Forum:** Revista Departamento Ciencia Politica, 21, p. 254 – 275, 2022.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **A política externa do regime militar brasileiro:** multilateralização, desenvolvimento e construção de uma potência média (1964-1985). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

_____. **A primavera árabe:** entre a nova democracia e a velha geopolítica. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.

VOIGT, Márcio Roberto. A Análise dos Sistemas-Mundo e a política internacional: uma abordagem alternativa das relações internacionais. **Textos de Economia**, Florianópolis, v.10, n.2, p.101-118, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O declínio do poder americano:** os Estados Unidos em um mundo caótico. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004

Recebido em Outubro de 2024
Aprovado em Novembro de 2024